

A PARATOPIA NOS ROMANCES POLICIAIS DE LEONARDO SCIASCIA

The paratopia in the police novels of Leonardo Sciascia

*Gisele Maria Nascimento Palmieri**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o conceito de paratopia, criado pelo linguista Dominique Maingueneau, nos romances policiais *O dia da coruja* (1961) e *A cada um o seu* (1966), de Leonardo Sciascia. Segundo o linguista, a paratopia, que consiste num não lugar, é tanto condição quanto produto da obra literária. Este conceito, apresentado por Maingueneau, sob o título *Discurso Literário*, relaciona-se ao autor da enunciação literária que se coloca, ao mesmo tempo, como ausente e presente do seu local de produção. Esse processo paradoxal de relacionamento com o seu local, o escritor leva à sua obra, colocando todos os elementos da narrativa à serviço de sua situação paratópica. Assim, refletiremos sobre a condição paratópica do escritor, jornalista e político Leonardo Sciascia e como ele a transpôs aos seus romances policiais, chamados de *gialli*, na Itália, em decorrência da cor da capa de uma série de romances policiais publicados no país.

Palavras-chave: Paratopia. Máfia. Romance policial. Insustentabilidade. Não lugar.

Abstract: This work aims to analyze the concept of paratopia, formulated by the linguist Dominique Maingueneau, in the police novels *Il giorno della civeta* (1961) and *A ciascuno il suo* (1966), by Leonardo Sciascia. According to the linguist, the paratopia, which consists in a non-place, is both a condition and a product of the literary work. This concept, presented by Maingueneau under the title *Literary Discourse*, is related to the author of the literary enunciation, which places himself at the same time present and absent of his place of writing. The writer transpose this paradoxical relationship with his place of writing into his work, putting all narrative elements in the service of his paratopic situation. Thus, we will reflect upon the paratopic condition of the writer, journalist and political Leonardo Sciascia and how he transposed it to his police novels, called *gialli* in Italy, due to the cover color of a series of police novels published in the country.

Keywords: Paratopia. Mafia. Police novel. Insustainability. Non-place.

Recebido em: 12/05/2018

Aceito em: 26/08/2018



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

*Doutoranda em Letras Neolatinas, opção Literatura Italiana, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES. E-mail: gmnp80@yahoo.com.br.

 <https://orcid.org/0000-0002-1616-9842>

Introdução

A obra literária se inscreve num espaço que é, ao mesmo tempo, real e fictício. Os autores partem de uma localização pré-existente para criar a sua própria, um entre-lugar, construído por meio da enunciação do discurso literário. Mas, a obra literária também representa a si mesma, funda um local seu. “A existência social da literatura supõe ao mesmo tempo a impossibilidade de ela se fechar em si mesma e a de se confundir com a sociedade ‘comum’, a necessidade de jogar com esse meio-termo e em seu âmbito” (MAINGUENEAU, 2016, p. 92). Esse espaço que, ao mesmo tempo, pertence e não pertence a uma sociedade é o que Maingueneau chama de paratopia. Essa “localidade paradoxal” de que fala o linguista é um dentro-fora viabilizado pela condição de exilado da sociedade que os escritores encarnam. Eles fazem parte do grupo de excluídos sociais e essa situação paratópica de marginalizados os coloca em um lugar de destaque. Parte integrante e ao mesmo tempo crítica, a eterna dicotomia paratópica do escritor move o fazer literário, tradicionalmente espaço de representação dos marginalizados, solitários e injustiçados.

Só existe paratopia porque existem exilados sociais, que deslocados de seus espaços, problematizam suas inserções neles por não se sentir deles pertencentes. Assim “a paratopia só é motor de uma criação quando implica a figura singular do insustentável que torna essa criação necessária” (MAINGUENEAU, 2016, p. 115). A paratopia de uma obra literária advém da paratopia do escritor que, inquieto e deslocado de seu mundo, cria um outro, onde pode se redimir de sua “insustentabilidade”, ao mesmo tempo que faz dessa “insustentabilidade” sua fonte de renda.

Entende-se, então, que o escritor só se torna escritor por não se sentir pertencente ao seu espaço, por não conseguir nele viver sem problematizar a sua existência.

A paratopia do autor

Refletindo sobre qual a condição de “exílio” em que Leonardo Sciascia se encontraria na Sicília, pode-se lembrar de suas memórias de juventude, as quais se tem acesso ao ler sua resposta à pergunta “Quem é Leonardo Sciascia?”, em entrevista a Marcelle Padovani, transcrita na obra *La Sicilia come metafora*. Ele diz:

ho passato i primi vent'anni della mia vita dentro una società doppiamente non giusta, doppiamente non libera, doppiamente non razionale. Una società non società, in effetti. La Sicilia, la Sicilia di cui Pirandello ha dato la più vera e profonda rappresentazione. E il fascismo. E sia al modo di essere siciliano sia al fascismo ho tentato di reagire cercando dentro di me (e fuori di me soltanto nei libri) il modo e i mezzi. In solitudine. E dunque, in definitiva, nevroticamente. Voglio dire: so benissimo che in quei vent'anni ho finito con l'acquistare una specie di 'nevrosi di ragione', di una ragione che cammina sull'orlo della non ragione. (SCIASCIA, 1979, p. 05)¹

¹ “Passei os primeiros vinte anos da minha vida numa sociedade que é duplamente não justa, duplamente não livre, duplamente não racional. Uma sociedade não sociedade, na verdade. A Sicília, a Sicília da qual Pirandello deu a

Viver tanto tempo sob o domínio de um regime político autoritário e antidemocrático, como se mostrou o fascismo, impele a Leonardo Sciascia, quase que por prescrição a criação de sua paratopia. A sua “neurose de razão” é a reação natural do homem que tardiamente conheceu a liberdade. Ele completa afirmando:

Sì, ci credo. Nella ragione, nella libertà e nella giustizia che sono, insieme, ragione (ma guai a separarle). Credo si possa realizzare, anche se non perfettamente, un mondo di libertà e di giustizia. Ma la storia siciliana è tutta una storia di sconfitte: sconfitte della ragione, sconfitte degli uomini ragionevoli. Anche la mia storia è una sorta di sconfitte (SCIASCIA, 1979, p. 05-06).²

A sua história se confunde com a história da Sicília. E suas obras trazem esse seu caráter de racionalidade. Refletindo sobre a função de escritor na entrevista dada a Padovani, ele afirma que seu papel é o de representar a verdade e que este é o ofício da verdadeira literatura. Ele alerta que não é o escritor filósofo, nem historiador, mas é aquele que colhe intuitivamente a realidade (SCIASCIA, 1979, p. 82). Toda a sua escritura põe-se, então, à serviço da verdade e da razão. Considerando o fascismo um regime que “non dia la preoccupazione di pensare, di valutare, di scegliere...” (SCIASCIA, 1979, p. 07-08)³, o apego à racionalidade virou mais do que um sentimento contrário ao regime antidemocrático, mas a sua essência paratópica. Ele afirma ainda que, na infância, só passou a sentir a existência do fascismo, quando se começou a falar em pena de morte aplicada aos contrários ao Estado. Aceitar a pena de morte era, para o escritor, a maior infâmia a que uma sociedade e seus cidadãos, que consentiam com o ato, poderiam chegar. “E nessuno voleva parlare con me della cosa, tutti dicevano giusta” (SCIASCIA, 1979, p.9).⁴ O silêncio de seus conterrâneos marcou a sua infância, sobremaneira quando se deparava com questões que o inquietavam. Não havia com quem falar sobre o assunto. A escrita transforma a sua inquietação em atividade criadora.

Sciascia parte da sociedade siciliana para criar o local paratópico de *O dia da coruja e A cada um o seu*. “A paratopia do escritor, na qualidade de condição da enunciação, também é seu produto; é por meio da paratopia que a obra pode vir à existência, mas é também essa paratopia que a obra deve construir em seu próprio desenvolvimento” (MAINGUENEAU, 2016, p. 119). Entendendo que a singularidade é um pressuposto de cada criação literária, Maingueneau diz que paratopia não é apenas uma condição para se criar uma obra, pois “não há situação paratópica exterior a um processo de criação [...]” (MAINGUENEAU, 2016, p.

representação mais real e profunda. E o fascismo. E seja ao modo de ser do siciliano, seja ao fascismo, eu tentei reagir buscando dentro de mim (e fora de mim apenas em livros) os modos e os meios. Na solidão. E, portanto, definitivamente, neuroticamente. Quero dizer: sei muito bem que naqueles vinte anos acabei adquirindo uma espécie de “neurose de razão”, de uma razão que está caminhando na beira da não razão” (SCIASCIA, 1979, p. 05, tradução nossa).

² “Sim, eu acredito nisso. Na razão, na liberdade e na justiça que são, juntas, razão (mas, é um problema separá-las). Acredito que se possa alcançar, mesmo que não perfeitamente, um mundo de liberdade e de justiça. Mas a história siciliana é uma história completa de derrotas: derrotas da razão, derrotas de homens racionais. A minha história também é uma espécie de derrota” (SCIASCIA, 1979, p. 05-06, tradução nossa).

³ “não dê a condição de pensar, de avaliar, de escolher” (SCIASCIA, 1979, p. 07-08, tradução nossa).

⁴ “e ninguém queria falar comigo sobre aquilo, todos diziam ser justa” (SCIASCIA, 1979, p. 09, tradução nossa).

109). A situação paratópica do autor move o seu fazer literário, mas a obra inventa sua própria paratopia, criando um lugar onde os mesmos problemas do local do autor podem surgir explorados das mais variadas formas que um discurso literário pode permitir. “Seja qual for a modalidade de sua paratopia, o autor é alguém que perdeu seu lugar e deve, pelo desdobramento de sua obra, definir um outro, construir um território paradoxal através de sua própria errância” (MAINGUENEAU, 2016, p. 131). O engajamento literário de Sciascia tem a ver com a sua própria existência. Mas da sua experiência não se faz vítima, coloca-se, também, como culpado. Ele conta que uma tia sua, cujo marido fora nomeado presidente da *Opera Nazionale Balilla* de Racalmuto⁵, conseguiu sua liberação do escritor das atividades de fim de semana da instituição aonde ia todos os sábados cumprir a obrigação de marchar, uniformizado, para Mussolini. Ele se ressentia: “In Sicilia la famiglia, nelle sue vaste ramificazioni, ha questa funzione: di proteggere, di privilegiare i suoi membri rispetto ai doveri che la società e lo stato impongono a tutti. È la prima radice della mafia, lo so bene. Ma per una volta ne ho approfittato anch’io” (SCIASCIA, 1979, p. 07)⁶. Essa confissão de Sciascia permite compreender melhor sua insustentabilidade. Presente neste mundo e dele ausente, “condenado a perder para ganhar, vítima e carrasco, o escritor não tem outra saída senão seguir em frente. É para escrever que preserva sua paratopia, e é escrevendo que pode se redimir desse erro” (MAINGUENEAU, 2016, p. 115).

Sua inquietação se estende a outros problemas da realidade siciliana, como a máfia, por exemplo. No entanto, ele diz escrever dele mesmo, para ele mesmo e contra ele mesmo. E que seu “ser siciliano” sofre com a realidade da região em que vive, a qual o escritor condena.

Quando denuncio la mafia, nello stesso tempo soffro poichè in me, come in qualsiasi siciliano, continuano a essere presenti e vitali i residui del sentire mafioso. Così, lottando contro la mafia io lotto anche contro me stesso, è come una scissione, una lacerazione. (PADOVANI, 1979, p. 74)⁷

A crítica latente em seus romances policiais é algo que também faz parte de si, que o incomoda porque faz parte de seu ser. E, como será visto, não é exatamente a máfia ou o fascismo que denunciava nas suas obras de ficção. Mas o silêncio, a apatia e o não enfrentamento dos sicilianos em relação a ambos os regimes. O entre-lugar que o escritor siciliano cria em seus romances é o espaço do silêncio conivente e covarde próprio de ambientes dominados por poderes despóticos, antidemocráticos, onde o lugar de fala é comprometido pelo bem dos mecanismos do poder autoritário. A grande questão da Sicília, segundo o autor, é a sua população. Sciascia, na entrevista transcrita em *La Sicilia come metafora*, expõe os sentimentos de passividade e desânimo históricos, naturais dos sicilianos. “Qui non ci si è

⁵ Organização juvenil italiana, instituída em 1926, durante regime fascista.

⁶ Na Sicília, a família, nas suas vastas ramificações, tem esta função: de proteger, de privilegiar os seus membros em relação aos deveres que a sociedade e o Estado impõem a todos. É a primeira raiz da máfia, eu sei bem. Mas, por uma vez, aproveitei-me dela também.” (SCIASCIA, 1979, p. 07, tradução nossa).

⁷ “Quando denuncio a máfia, ao mesmo tempo sofro porque em mim, como em qualquer siciliano, continuam a estar presentes e vitais os resíduos do sentir-se mafioso. Assim, lutando contra a máfia eu luto também contra mim mesmo, é como uma cisão, uma laceração.” (SCIASCIA, 1979, p. 74, tradução nossa).

accorti della caduta di Mussolini come non ci si è neppure accorti chiaramente della sua ascesa al potere, e siamo passati dall'amministrazione mussoliniana a quella dell'AMGOT, senza traccia alcuna di inquietudine" (SCIASCIA, 1979, p.49).⁸ O local paratópico que Sciascia leva aos romances *O dia da coruja* e *A cada um o seu* é esse em que persiste a naturalização do insustentável, a falta de inquietação e passividade diante dos sucessivos abusos dos poderes que administraram a ilha. E serão alguns elementos da narrativa, em *O dia da coruja* e *A cada um o seu*, como narrador e personagens, que irão contrastar com esse desânimo e aceitação naturais daqueles que nem mesmo se dão conta de quem está governando seu território. A apatia, nesses romances, ganha uma dimensão generalizada a todos os habitantes da ilha, ficando esteticamente representada pelo silêncio do narrador e dos personagens. O não falar de alguns personagens, dentro dos contextos das tramas dos dois romances, é uma norma que pode ser entendida como conivência com a corrupção ou o total desconhecimento do que venha a ser atos criminosos e antidemocráticos, como bem exemplificou Sciascia em *La Sicilia come metafora*, ao falar dos sicilianos. Quem se inquieta, portanto, ou é um personagem fora do lugar ou é um atípico ser, estranho às normas de sua própria sociedade. Nesses, encarna-se a figura paratópica do escritor, que utiliza essas personagens como o contraponto que ele mesmo, enquanto intelectual, representa ao lidar com as questões de sua terra natal.

Personagens paratópicos

A serviço da paratopia do autor, há alguns elementos textuais que contribuem para construir o espaço paratópico representado nas obras literárias, elementos que Maingueneau chama de "embregem paratópica" (MAINGUENEAU, 2016, p. 121). Eles servem para tecer todo um discurso que estará coerente com a situação paratópica posta em discussão pelo escritor. Um desses elementos são os personagens. São eles que encarnam a insustentabilidade experimentada pelo escritor, embora não o represente. Eles estão em consonância com aquilo que escandaliza, incomoda, desestabiliza o escritor. Em relação à Sciascia, o que o incomodou a vida inteira foi a inércia, o não enfrentamento em face à democracia ameaçada, à injustiça e ao autoritarismo. Ele não fala de si nas obras *O dia da coruja* e *A cada um o seu*: nelas insere o seu julgamento da sociedade siciliana, com os problemas inerentes à época em que escreveu essas obras. A atuação da máfia na região e seus mecanismos despóticos, como a *omertà* (lei do silêncio da máfia siciliana), são o centro da discussão empreendida pelo autor nos dois romances, pois a organização criminosa, assim como o fascismo, cuja experiência trouxe ao escritor seu primeiro contato com um regime autárquico chancelado por um ideal de proteção territorial, incomodaram Sciascia por ser uma ameaça ao direito de liberdade, tão caro ao escritor. Sciascia chega a igualar ambos os regimes, no artigo "I professionisti dell'antimafia", publicado no jornal *Corriere della Sera* em 10 de janeiro de 1987, ao afirmar: "L'idea, e il conseguente comportamento, che il primo fascismo ebbe nei riguardi della mafia, si può

⁸ "Aqui não nos demos conta da queda de Mussolini, como nem percebemos claramente sua ascensão ao poder, e passamos da administração mussoliniana para aquela da AMGOT, sem nenhum traço de inquietação." (SCIASCIA, 1979, p. 49, tradução nossa).

riassumere in una specie di sillogismo: il fascismo stenta a sorgere là dove il socialismo è debole: in Sicilia la mafia è già fascismo”(SCIASCIA, 1987, on-line)⁹.

Os locais de ficção dos romances analisados nesta pesquisa, como foi visto no capítulo de paratopia, são espaços imaginários de refúgio e de problematização criados pelo autor da obra literária para nela colocar seus questionamentos acerca do mundo. Sabe-se que uma das maiores inquietações de Sciascia com relação à sua própria sociedade, a siciliana, foi o silêncio e a apatia dos seus conterrâneos às sucessivas formas de poder arbitrário que governaram, oficialmente ou extraoficialmente, a ilha. A máfia, que sorrateiramente se instalou nas bases do poder, espalhando seus tentáculos pela política e pelos negócios da ilha, controlando a economia local e ganhando, pela força, o apoio, ou melhor, o silêncio dos locais com relação às suas ações e redes de relações com o poder oficial, é uma das protagonistas dos romances em análise. Seja a máfia, organização criminosa, seja a máfia como grupos de políticos que ocupam cargos públicos em favor de seus próprios benefícios. Ambos atuam como grupos de poder e de força, corrompendo e exterminando adversários. Inclusive, se relacionam e fazem negócios entre si, se protegendo e se apoiando, de maneira que, em suas tramas, formam praticamente um grupo só.

Esses grupos sempre foram vistos como alvos de sua denúncia por pesquisadores e estudiosos da obra do escritor. Porém, ao considerarmos a paratopia de Sciascia como condição e produto das obras aqui pesquisadas, considera-se que a questão do silêncio dos sicilianos, a não reação e o não falar sobre as questões da ilha que o inquietavam são, também, alvo de sua denúncia. Ele denuncia, na verdade, a *omertà*, essa regra que é a principal arma de impunidade destes grupos, pois ela gera uma aceitação passiva e naturaliza a violência.

A insustentabilidade do autor, que gera a sua paratopia, se personaliza nas figuras dos personagens e dos narradores, elementos que, na narrativa, funcionam como o alter-ego do próprio Sciascia. São eles que quebram o silêncio e podem mostrar ao leitor que a regra da *omertà*, a naturalização e a aceitação pacífica da violência, da corrupção e dos abusos de poder são questionáveis e, além disso, ele tenta mostrar que essa regra não é aceita por todos os sicilianos, como o próprio Sciascia. Há, ainda, a questão da ironia latente nesses textos, ao mostrar nas narrativas o quão ridículas e risíveis são as atitudes daqueles que fazem do poder seus instrumentos de coação e enriquecimento ilícito. Pode-se identificar, ainda, hipóteses levantadas pelo autor para a apatia generalizada dos sicilianos, segundo seu próprio julgamento. Dentro da estética utilizada, percebe-se que, em alguns momentos, o silêncio é fruto do medo das punições impostas a quem infringir a lei da *omertà*. Em outros, é consequência do total desconhecimento da realidade. Há, também, casos em que é vista como um cinismo de pessoas que fingem que não sabem de nada, mas deixam escapar a verdade, sob ameaças ou em delações anônimas, como as cartas. E há o silêncio daqueles que se calam por conivência, na tentativa de proteger os que fazem parte do seu próprio esquema. Em seus textos, há várias motivações

⁹ “A ideia e o consequente comportamento que o primeiro fascismo teve em relação à máfia pode-se resumir em uma espécie de silogismo: o fascismo luta para surgir onde o socialismo é fraco: na Sicília a máfia já é fascismo” (SCIASCIA, 1987, tradução nossa).

para o silêncio e Sciascia explora todas elas.

A embreagem paratópica utilizada em *O dia da coruja*, com maior destaque na obra, são as figuras do cobrador do ônibus e a do capitão Bellodi. Eles funcionam como contraponto de uma sociedade habituada à prática da lei do silêncio. São eles, como recurso literário, que acusam a inaturalidade da aceitação da máfia. Já em *A cada um o seu*, a figura paratópica é o professor Laurana. Todos inocentes ao *modus operandi* mafioso, e por isso mesmo vulneráveis à indiferença, desconfiança e conspirações dos que estão coniventes com as leis próprias da organização criminosa.

O cobrador, que veio da “província boba” de Siracusa, onde não havia assassinatos, pragueja sozinho dentro do ônibus, após os disparos que matam um homem que subia em seu ônibus. Ao perguntar quem é o morto, recebe como resposta o silêncio de todos os presentes à cena de assassinato. O cobrador mostra-se, nesse momento, como um personagem paratópico, posto que deslocado na sua loquacidade solitária. É a partir do olhar deste personagem que o narrador nos apresenta a visão do comportamento dos outros personagens presentes à cena.

Il bigliettaio bestemmiò: la faccia gli era diventata colore di zolfo, tremava. Il venditore di panelle, che era a tre metri dall'uomo caduto, muovendosi come un granchio cominciò ad allontanarsi verso la porta della chiesa. Nell'autobus nessuno si mosse, l'autista era come impietrito, la destra sulla leva del freno e la sinistra sul volante. Il bigliettaio guardò tutte quelle facce che sembravano face di ciechi, senza sguardo; disse <l'hanno ammazzato> si levò il berretto e freneticamente cominciò a passarsi la mano tra i capelli; bestemmiò ancora¹⁰. (SCIASCIA, 1993, p. 10)

Já o capitão Bellodi, vindo do Norte da Itália, republicano que fazia da profissão um meio de assegurar a liberdade e a justiça, figura como o herói romântico da narrativa, mas também em um local de insustentabilidade. Descrito como honesto e corajoso, vai além da tradicional conclusão das investigações policiais sicilianas, a de crime passional, e afronta, mas com gentileza, os figurões da sociedade siciliana, vistos como “pais de família exemplares”, “trabalhadores incansáveis”, “homens de respeito” (SCIASCIA, 1995, p. 57). Considerado “uno di quei settentrionali con la testa piena di pregiudizi” e “uno che vede mafia da ogni parte” (SCIASCIA, 1993, p. 30),¹¹ não encontra seu espaço na cidadezinha siciliana representada na história e ao final da narrativa É, então, enviado de volta ao Norte do país, sem concluir as suas investigações e sem conseguir encarcerar os culpados pelo crime que investiga.

O personagem paratópico de *A cada um o seu* é o professor Laurana, que conduz sozinho uma investigação extraoficial sobre os assassinatos do farmacêutico Manno e do advogado

¹⁰ O cobrador praguejou: o seu rosto tornara-se cor de enxofre, tremia. O vendedor de pãezinhos, que não estava a mais de três metros de distância do homem caído, andando como um caranguejo começou a afastar-se em direção à porta da igreja. No ônibus, ninguém se mexeu, o motorista parecia petrificado, a mão direita sobre a alavanca do freio e a esquerda sobre a direção. O cobrador olhou para todos aqueles rostos que pareciam rostos de cegos, desprovidos de visão; - mataram-no – disse, tirou o boné e começou a passar a mão, freneticamente, pelos cabelos; praguejou mais uma vez (SCIASCIA, 1995, p. 07-08).

¹¹ “um daqueles setentrionais com a cabeça cheia de preconceitos, um daqueles que vê a máfia em tudo” (SCIASCIA, 1993, p. 30, tradução nossa).

Rosello. E começa, então, Laurana, professor de italiano e latim, que chegando aos quarenta anos, morava ainda com a mãe, solteiro recluso, sem muitos amigos, um tipo estranho naquela sociedade, a fazer a sua própria investigação. Parece ser ele o único a refutar a hipótese viciosa de crime passional. Crê, também, ser o único capaz de investigar a fundo a história e “assim, por vaidade, eis que ele dá o primeiro passo quase sem querer” (SCIASCIA, 2007, p. 25). Não é exatamente por altruísmo que decide investigar mais a fundo, mas um sentimento menos nobre que acaba por levá-lo a ser o embreante paratópico principal. Como de praxe, as mortes são tratadas como crime passional e a investigação oficial é encerrada. Dessa vez, há um anti-herói paratópico, que não confronta o poder, porque é inocente e pouco perceptivo às confabulações à sua volta. Considerado um homem de poucos amigos, um tipo esquisito manipulado pela mãe, é visto como um pária pelos colegas. “Forse ad occhi chiusi avrebbe sposato la donna che sua madre gli avesse portato (...)” (SCIASCIA, 1988, p. 47)¹². Mas é essa figura desqualificada socialmente que conduz o leitor à verdade sobre as duas mortes. É o professor o único a procurar justiça aos mortos. “A enunciação literária é menos a manifestação triunfante de um ‘eu’ soberano do que a negociação desse insustentável (MAINGUENEAU, 2016, p. 115). Como um anti-herói, Laurana, apesar de concluir sua investigação e descobrir a verdade, sucumbe às garras do poder mafioso e não triunfa em seu propósito de fazer justiça aos mortos, posto que ninguém lhe dá confiança enquanto vivo e poucos tomam conhecimento de suas descobertas e também de sua morte, posto que é considerado desaparecido. Seu corpo não será jamais encontrado.

Essas personagens são figuras que rompem com a lei do silêncio e com a insensibilidade generalizada na sociedade siciliana, representando a visão do próprio autor com relação à indiferença ou conivência dos seus conterrâneos frente ao abuso de poder. Esses personagens só fazem sentido no texto, em coexistência com o local paratópico. “A embreagem paratópica não se restringe às personagens, operando igualmente através de lugares” (MAINGUENEAU, 2016, p.129). O espaço onde se passam as narrativas desses romances é denominado apenas como cidades sicilianas, embora sem identificação.

Encerra-se, assim, a rede de relações da paratopia das obras aqui analisadas.

Conclusão

A paratopia do escritor é o que o torna escritor, mas não necessariamente será o assunto de suas obras. Com relação ao escritor siciliano Leonardo Sciascia, a situação paratópica do escritor é levada aos seus romances policiais em forma de recursos estéticos. Os elementos dessas tramas ficcionais são representativos de tudo aquilo que, em sua insustentabilidade, o incomodou. O silêncio de seus conterrâneos com relação àquilo que condenava transforma-se no silêncio dos personagens naturais dos locais das narrativas e na eloquência dos personagens “de fora” desses mesmos locais ou dos deslocados de seu próprio espaço. São esses últimos que representam o seu pensamento crítico que em sua terra natal não era bem acolhido. Por isso se

¹² “Talvez, de olhos fechados, teria se casado com a mulher que sua mãe lhe tivesse escolhido (...)” (SCIASCIA, 1988, p. 47, tradução nossa).

torna escritor. Toda a embreagem paratópica das suas narrativas policiais põe-se, assim, em consonância com a sua preocupação.

Referências

LUPO, Salvatore. *História da máfia*. Das origens aos nossos dias. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MAURO, Walter. *Sciascia*. Firenze: La Nuova Italia, 1970.

SCIASCIA, Leonardo. *A cada um o seu*. Trad. Nilson Moulin. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

_____. *A ciascuno il suo*. Milano: Adelphi Edizioni, 1988.

_____. *Il giorno della civetta*. Milano: Adelphi Edizioni, 1993.

_____. *La Sicilia come metafora*. Entrevista di Marcelle Padovani. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1979.

_____. *O dia da coruja*. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. I professionisti dell'antimafia. Milano, *Corriere della Sera*, 10 gennaio 1987. Disponível em: <http://www.archivioantimafia.org/sciascia.php>. Acesso em: 26/04/2018.

